

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ**

**REGINA MARTINS**

**A IMPORTANCIA DOS PERSONAGENS NEGROS DENTRO DA LITERATURA  
INFANTIL PARA VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE**

**CURITIBA**

**2015**

**REGINA MARTINS**

**A IMPORTANCIA DOS PERSONAGENS NEGROS DENTRO DA LITERATURA  
INFANTIL PARA VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentada à Pós-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação, Universidade Federal do Paraná, como parte das exigências para a obtenção do título de especialista em Educação em Relações Étnico-Raciais.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Fabiola Beatriz Franco de Sousa.

**CURITIBA**

**2015**

Sim, sou um negro de cor  
Meu irmão de minha cor  
O que te peço é luta sim  
Luta mais! Que a luta está no fim...

Cada negro que for  
Mais um negro virá  
Para lutar  
Com sangue ou não  
Com uma canção  
Também se luta irmão  
Ouvir minha voz  
Oh Yes! Lutar por nós...

Luta negra demais  
É lutar pela paz  
Para sermos iguais

Tributo a Martin Luther King  
Wilson Simonal

## **AGRADECIMENTOS**

**À DEUS ...**

**À FABIOLA SOUZA. Minha orientadora  
Sempre atenta, carinhosa e disponível.**

## Resumo

Na Educação Infantil deve-se levar em consideração que a criança é um sujeito único, que precisa compreender o mundo através da mediação do professor por meio de práticas pedagógicas que possibilitem o desenvolvimento de todas as suas potencialidades. Nesse processo, é preciso considerar que as crianças necessitam envolver-se com a linguagem verbal e principalmente ter acesso à literatura infantil. Nessa faixa etária é extremamente necessário a leitura pelo adulto, o manuseio de livros e principalmente a contação de histórias; neste ínterim todos os envolvidos com as atividades propostas exercem um importante papel para a compreensão pelas crianças. Neste trabalho destacar a importância da prática pedagógica com a literatura infantil no desenvolvimento da criança, através da vivência com os livros infantis, trabalhando a literatura afro brasileira em sala de aula, afim de valorizar de maneira positiva, a construção da identidade negra. O presente estudo tem como objetivo valorizar a identidade afro brasileira por meio da utilização dos livros literários com personagens negros; utilizando obras de qualidade trazendo o negro de forma positiva no cotidiano do educativo. Para que as crianças aprendam a valorizar a diversidade é preciso, desde cedo, trabalhar essa questão na rotina diária e na construção da identidade da criança. Utilizando esse tema refletimos sobre a maneira como a literatura infantil, com personagens negros está sendo proposta em ações pedagógicas dentro do contexto da educação infantil, para que a criança externe sua compreensão pela diversidade.

Palavras chaves- Literatura infantil. Diversidade. Personagens Negros.

## **RESUME**

In kindergarten should take into account that the child is a single subject, you need to understand the world through the teacher's mediation through pedagogical practices that enable the development of their full potential. In this process, one must consider that children need to engage with verbal language and mostly have access to children's literature. This age group is very necessary reading for adult, handling books and especially the storytelling; in the meantime everyone involved with ace proposed activities play an important role in understanding the children. In this paper highlight the importance of teaching practice with children's literature in child development, by living with the children's books, working the Brazilian African literature in the classroom in order to appreciate positively, the construction of black identity. This study aims to value the Brazilian African identity with literary books with black characters; using quality works bringing the black positively in the education of everyday life. So that children learn to value diversity, we need early on working this issue in daily routine and in the child's identity construction. Using this theme reflected on how children's literature, with black characters is being proposed in pedagogical activities within the context of early childhood education, so that the child extern their understanding of diversity.

Words chaves- Children's Literature. Diversity. Black characters.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>07</b>
<b>1. ORIGEM DA LITERATURA INFANTIL: UM BREVE HISTÓRICO .....</b>	<b>09</b>
<b>2. LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS.....</b>	<b>13</b>
<b>3. IMPORTANCIA DAS LEIS QUE VALORIZARAM A FIGURA DA RAÇA NEGRA. ....</b>	<b>18</b>
<b>4. LITERATURA AFRO BRASILEIRA .....</b>	<b>23</b>
<b>5. VIVENCIANDO LITERATURA AFRO COM AS CRIANÇAS.....</b>	<b>27</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>37</b>

## INTRODUÇÃO

A Educação Infantil tem como objetivo proporcionar as crianças de zero a cinco anos um desenvolvimento integral, educar e cuidar, respeitando seus direitos, onde a função do CMEI, (Centro Municipal de Educação Infantil) é proporcionar um aprendizado rico de conhecimentos. O trabalho com crianças da educação infantil deve priorizar que a aprendizagem seja um processo que se realiza de acordo com as fases do seu desenvolvimento, portanto analisando seus limites e suas possibilidades.

Pensando nisso, a proposta para esta pesquisa foi aproximar de nossas crianças a literatura infantil com personagens negros pois é na educação infantil que se inicia uma convivência de vida em sociedade onde o professor tem um importante papel neste processo.

Os meus primeiros contatos com literatura foram na escola; dentro da biblioteca do Instituto de Educação do Paraná onde tive o encontro encantado com os livros de literatura e o mundo maravilhoso das histórias.

Essas lembranças e sensações me tornaram uma leitora com vontade de compartilhar essas emoções com as pessoas que convivem comigo, principalmente as crianças na sua maioria negras ou afrodescendentes; em decorrência disso e também como professora de educação infantil decidi por esse tema: a importância dos personagens negros dentro da literatura infantil para valorização da diversidade.

Para valorizar a literatura afrodescendente é preciso trabalhar com os livros de literatura com personagens negros, dessa maneira isso vai de encontro com meu problema de pesquisa que é o de trabalhar a literatura afro-brasileira em sala de aula, afim de valorizar de maneira positiva, a construção da identidade negra.

Conforme estudiosos como Iris Maria da Costa Amâncio (2000), Nilma Lino Gomes(2000), e Nei Lopes (2008) a porcentagem da população que se apresenta como negra está na faixa de 50% e por esse motivo é importante mencionar a questão étnico-racial dentro da literatura infantil com o intuito de valorizar a diversidade dentro do ambiente escolar porque uma grande parte da identidade da criança se constrói dentro da escola principalmente nos CMEIS (Centro Municipal de Educação Infantil),onde a criança permanece em período integral. Nosso propósito visa ajudar na construção de identidade da criança negra, por meio de um olhar para as literaturas; que perpassam o cotidiano da escola porque trabalhando com



educação infantil em contato diário com as crianças, e descobrindo junto com elas seu potencial de desenvolvimento e a necessidade de assumir sua identidade; sentimos a importância de trabalhar com a literatura infantil dando ênfase aos personagens negros, porque em nosso contexto escolar existe uma carência grande desses exemplares.

Por esse motivo o objetivo que norteou nosso trabalho é identificar a identidade afro descendente e brasileira nos livros literários para o contexto da educação infantil. Nossa intenção é trazer o valor da literatura infantil na formação e no desenvolvimento da identidade das crianças utilizando obras de qualidade trazendo o negro de forma positiva no cotidiano do educativo. Pretende-se atingir o objetivo compreendendo a influência para despertar nas crianças negras ou afro a valorização da autoestima, sentimentos de respeito ao diferente e sua auto aceitação. Segundo Vygotsky 1994.

A relação da criança com o mundo é mediada pela linguagem que vai propiciando a constituição de funções psicológicas, como a atenção e a memória, as quais atuam na origem da imaginação e da função simbólica. A linguagem atua como função primeira de comunicação entre pessoas, entre adultos e crianças, e gradualmente os significados culturais mediados na oralidade são internalizados, construindo o próprio pensamento. (Diretrizes para a educação de Curitiba, v.2.p 65).

O estudo desse tema também foi pautado pela lei 10639/03 que tem colocado dentro das instituições escolares alguma valorização sobre a identidade afro e nos permite trabalhar com liberdade a literatura africana e afro descendente dentro das escolas por estarmos respaldadas por essa lei; pois acredito que mesmo assim ainda temos o racismo velado entre nossos próprios colegas, o tal racismo à brasileira. No livro *nem Preto nem Branco*, Degler argumenta:

A experiência brasileira deve tornar claro que mesmo numa sociedade sem segregação legal ou atitudes antinegro aceitas publicamente, o preconceito e a discriminação não desapareceram automaticamente, mesmo três gerações após o fim da escravidão. As diferenças físicas entre grupos são sempre observadas. Tenho a convicção de que os pretos serão reconhecidos como diferentes e discriminados enquanto os não pretos tiverem o poder e o incentivo para fazê-lo. (1976, p 294)

Para o desenvolvimento deste trabalho optou-se pela pesquisa bibliográfica, com o trabalho de busca através de livros, artigos, revistas, documentos e estudos nas bibliotecas virtuais e públicas.

## 1. ORIGEM DA LITERATURA INFANTIL: UM BREVE HISTÓRICO

Segundo o pensamento de Vania Dohme, “a arte de contar histórias existiu sempre desde que o homem começou a falar e articular as palavras. Provavelmente começou com o homem sentado em sua caverna contando suas bravatas as mulheres e crianças.” (2000,p.5.)

Em seus primórdios a literatura infantil foi de uma essência primorosa. São também de caráter mágico as narrativas orientais que surgiram séculos antes de Cristo e difundiram-se por todo mundo através da tradição oral. A humanidade tem necessidade de se comunicar e, portanto, de contar histórias. Compartilhar experiências tem significação para todo o grupo. “É comum que os povos se orgulhem de suas histórias, tradições, mitos e lendas, pois são expressões de sua cultura e devem ser preservadas” (Jovino 2006, p.3).

Nessa época provavelmente o que estamos acostumados hoje, com o conhecimento científico dos fenômenos da vida natural ou humana; era substituído pelo senso comum, assim o pensamento mágico dominava no lugar da lógica que estamos acostumados em nossos dias. As fábulas correspondem a essa fase mágica já com um espírito de crítica sobre as relações humanas ao nível social.

A literatura infantil começou a partir do séc.18, quando a criança passou a ter importância como pessoa, diferente dos adultos, tendo suas necessidades e características. Anterior a isso as crianças filhas de nobres liam os grandes clássicos e a criança pobre ouvia as histórias de cavalaria e de aventuras; Marisa nos situa a respeito do surgimento das fábulas: (...) “As fábulas eram a forma literária mais resistente foram criadas pelo francês Jean La Fontaine (1668-1694) que introduziu suas fábulas na literatura ocidental, foram englobadas como literatura também apropriadas para crianças.” (Lajolo,1985, p15) Continuando popular até hoje no mundo todo.

Outras tradições eram os contos de fada que atravessaram milênios misturando a realidade e a fantasia com suas fadas, bruxas princesas príncipes e castelos etc. No começo da literatura infantil o que se sabe é que recebia apenas adaptações de textos escritos para adultos; mas esse panorama mudou com o advento da imprensa e dos jornais e livros que foram se tornando os grandes agentes culturais dos povos.

Desta maneira, fica evidente que esse gênero literário surge com um propósito explícito, ou seja, de ensinar comportamentos desejáveis às crianças. Segundo Lajolo e Zilberman.

Diversas produções brasileiras promoviam, além de estereótipos de criança (ou como sendo virtuosa e obediente ou como cruel), a explícita valorização nacional como forma de ensinamento moral das histórias. Outras características completam a definição da literatura infantil, impondo sua fisionomia. A primeira delas dá conta do tipo de representação a que os livros procedem. Estes deixam transparecer o modo como o adulto quer que a criança veja o mundo. Em outras palavras, não se trata necessariamente de um espelhamento literal de uma dada realidade, pois, como a ficção para crianças pode dispor com maior liberdade da imaginação e dos recursos da narrativa fantástica, ela extravasa as fronteiras do realismo. (2007, p,19).

A produção literária dirigida a público infantil, no século XVIII ganha força devido à construção do moderno conceito de infância, período em que a Revolução Industrial é deflagrada. Com essa mudança na organização social, a burguesia toma a posição de classe social dominante, que precisa de instituições que ajudem atingir suas metas. Dentre estas instituições tem-se a família e a escola. “A criança passa a deter um novo papel na sociedade, motivando o aparecimento de objetos industrializados (o brinquedo) e culturais (o livro)” (Lajolo; Zilberman, 2007, p, 17).

Se até o século XVI a criança era considerada um adulto em miniatura, no século XVIII ela passa a ser vista como um ser frágil, que precisa de proteção. Como todo esse protecionismo surge a necessidade da formação de uma instituição capaz de fazer o papel de mediação entre a criança e o mundo: a escola. Devido ao novo conceito de criança que estava em vigor, fizeram-se presente novos mecanismos preparando a criança para enfrentar o meio social. Deste modo a escola tornou-se uma instituição aberta aos propósitos da burguesia e da literatura infantil, que veio para validar o processo de escolarização. Isto porque, “como a escola consequentemente a literatura-infantil, trabalha sobre a língua escrita, ela depende da capacidade de leitura das crianças, ou seja, supõe terem estas passadas pelo crivo da escola” (Lajolo; Zilberman, 2007, p. 17). As autoras ainda acrescentam que:

Se a literatura infantil europeia teve seu início às vésperas do séc.XVIII, quando, em 1697, Charles Perrault publicou os célebres contos de Mamãe Gansa, a literatura infantil brasileira só veio surgir muito tempo depois, quase no séc.20, muito embora ao longo do século XIX reponte, registrada aqui e ali, a notícia do aparecimento de uma ou outra obra destinada a crianças.

Com a implantação da Imprensa Régia, que inicia, oficialmente, em 1808, a atividade editorial no Brasil, começam a publicar-se livros para crianças. (1985, p23)

Nos anos de 1940 e 1960 a literatura infantil teve uma valorização dos profissionais e investimentos das editoras, que passaram a se especializar e buscar por novos públicos; nos anos 70 e 80 a literatura passa por uma política cultural e recebem investimentos do governo, o Estado torna-se um mediador dessa cultura e os educadores recebem orientação para utilizar essas obras como abordagens pedagógicas no contexto escolar. Segundo comentário das autoras Lajolo e Zilbermam. (2007.p.117),

O processo de modernização da sociedade brasileira, que se deu através do estímulo ao crescimento industrial e a urbanização, beneficiou a cultura brasileira... A literatura infantil também foi favorecida, já que a indústria de livros se solidificou na escola, cujo resultado mais imediato é o acesso à leitura, quando a concepção de desenvolvimento do Brasil foi condicionada à aceleração do projeto de industrialização, a literatura infantil viu-se envolvida mais diretamente, a ponto de confundir-se com a meta proposta : textos foram escritos segundo o modelo da produção em série, e o escritor foi reduzido à situação de operário, fabricando, disciplinadamente, o objeto segundo as exigências do mercado.

Antes dos anos 60, Monteiro Lobato, surgiu como escritor e responsável pela verdadeira literatura infantil no Brasil, criando figuras folclóricas do interior brasileiro. Em seu primeiro livro “narizinho arrebitado”, criou várias obras didáticas ou de pura imaginação como O sitio do pica-pau vivendo a realidade familiar. A literatura infantil no Brasil seguiu um caminho promissor quando do surgimento das propostas estéticas feitas por Monteiro Lobato, que de menino de rua chegou até a presidente fundador da Academia Brasileira de Letras; começou como aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional e aos vinte anos já era redator de jornal. Além de escritor também fundou várias editoras dando ao País maior modernidade na produção editorial.

Ainda fundamentada por Lajolo e Zilberman sobre a evolução da literatura infantil brasileira, como investimento para as editoras da época. Dizem elas:

Tampouco os editores ficaram insensíveis ao novo filão que se abria para seus negócios, inevitavelmente magros num país de analfabetos. Começaram a investir no setor infantil e escolar, a justificativa para tantos apelos nacionalistas e pedagógicos, estimulando o surgimento de livros infantis brasileiros, era o panorama fortemente marcado por obras estrangeiras. (1985, p29)

Não poderíamos deixar de registrar a frase de Monteiro Lobato que como modelo fixou seu pensamento dentro da literatura: “Um país se faz com homens e com livros.” O que demonstra a valorização que o mesmo dava à leitura e sua forte influência no mundo literário. Lobato pela forma com que conduziu seus trabalhos

literários saindo várias vezes da maneira tradicional como eram colocadas as criações literárias infantis e ficou conhecido dentro desse meio como uma referência marcante para o Brasil nessa área de trabalho.

Convém expressar que tantas mudanças favoráveis para a literatura infantil, trouxeram um crescimento com o surgimento de escritores voltado para a infância como Ana Maria Machado ganhadora do mais importante prêmio internacional da literatura infantil, o Hans Christian Anderson em 2000, é autora de mais de cem livros. Silvia Orthof, autora de diversas obras de literatura e de teatro para crianças foi também professora e diretora de teatro. Cristina Porto: autora de livros para crianças e jovens, foi também professora e editora. Flavio de Souza: escritor de livros de literatura para crianças e jovens, roteirista ator e diretor de teatro. Ruth Rocha: precursora da literatura infantil e autora de mais de 130 livros entre didáticos e de ficção.

Nos dias atuais a literatura está presente na vida das pessoas de todas as faixas de idade, cultura e renda. A literatura tradicional sofre concorrências com os meios áudios visuais, disponíveis ao alcance de muitas famílias. Pedagogicamente falando essa concorrência não trouxe desvantagens para quem quer se atualizar pois o gênero literário está dentro e fora das escolas nas formas tradicionais ou não.

Falando agora de literatura Infantil, ela é, um recurso imprescindível na prática pedagógica, pois desenvolve o raciocínio e a sensibilidade das crianças, sendo que os profissionais da educação têm consciência que a literatura exerce um papel importantíssimo na formação e no desenvolvimento da criança.

É à literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, suas utopias. Por isso a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer, plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos. (LAJOLO, 2008, p,106)

Sabemos que literatura e linguagem são distintas, mas uma não existe sem a outra; dessa forma todo esforço despendido na aprendizagem das crianças faz a diferença na educação. O fascínio que a literatura exerce sobre as crianças principalmente na faixa etária em que elas frequentam os CMEIS (Centro Municipal de Educação Infantil), faz dela um rico instrumento para despertar na criança o prazer pela leitura, facilitando desse modo a compreensão do mundo que a rodeia.

## **2. LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS.**

Para desenvolver esse tema utilizamos de vários autores e também de referências das Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil, que cremos trouxe uma compreensão maior sobre o assunto. A prática de contar histórias age na formação da criança em várias áreas, como orientado pelo Referencial para Estudo e Planejamento na Educação Infantil - leitura e contação de histórias pois contribuem no desenvolvimento intelectual “Contar histórias na infância fundamenta o aprimoramento dos sentidos e a troca afetiva entre as descobertas infantis e as coisas do mundo. Sugere um acalento para o processo de desenvolvimento emocional, cognitivo e físico.” (Curitiba,2010, pg8).

Em seu livro Contar Histórias uma arte sem idade; Betty Coelho (1995, p9) uma contadora de histórias por vocação diz:

Como toda arte, a de contar histórias também possui segredos e técnicas. Sendo uma arte que lida com matéria-prima especialíssima, a palavra, prerrogativa das criaturas humanas, depende, naturalmente, de certa tendência inata, mas pode ser desenvolvida, cultivada, desde que se goste de crianças e se reconheça a importância de história para elas.

Um dos principais objetivos de contar histórias é a recreação, mas a importância de contar histórias tem um horizonte maior. Por meio delas podemos enriquecer as experiências infantis, desenvolvendo diversas formas de linguagem, ampliando o vocabulário, formando caráter, proporcionando á ela viver imaginário. Sobre leitura com as crianças o Referencial para Estudo de Leitura e Contação (Curitiba,2000, p14) orienta:

Entende-se que a inserção da criança no mundo letrado ocorre gradativamente a medida que ela tem oportunidade de vivenciar a leitura e a escrita em diferentes situações de uso real. Denomina-se leitura pela criança como o momento em que ela manuseia os livros, observa as ilustrações ou reconta as histórias aos colegas. Ou seja quando ela tem oportunidades de manifestar comportamentos leitores e levantar hipóteses sobre o código escrito, mesmo antes de estar alfabetizada convencionalmente.

Os enredos geralmente são organizados de forma que as crianças possam ter um pensamento crítico sobre o que foi ouvido e deles tirem suas conclusões. Para contribuir com a ideia de formar cidadãos leitores Abramovich (1997, p17) ressalta:

Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas, histórias.... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo. (p.16).

Ler histórias para crianças, sempre, sempre ...É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelos personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever de um autor, então, pode ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento...

Para a faixa etária dos CMEIS (Centro Municipal de Educação Infantil); os planejamentos pedagógicos costumam privilegiar a literatura como uma rotina permanente, isto quer dizer que a criança precisa ouvir histórias todos os dias.

(...) as histórias devem ter enredo simples e atraente, contendo situações que se aproximem o mais possível da vida da criança, da sua vivência afetiva e doméstica de seu meio social, de brinquedos e animais que a rodeiam, humanizados. Assim, ela pode integrar-se com os personagens, consegue “viver” os enredos e sentir-se no “lugar” em que os episódios narrados ocorreram. (Coelho,1995, p16)

Em se tratando de um desenvolvimento interno das crianças as histórias desempenham papéis importantes porque além da fruição, elas determinam vivências que despertam o interesse das crianças e ativam a construção de significados, sobre o que leu ou ouviu Dohme (2000, p19 e 20) destaca alguns aspectos relevantes, tais como:

Raciocínio- as histórias mais elaboradas, os enredos intrigantes, agitam o raciocínio da criança.

Caráter- as histórias com heróis conteúdo que proporcionam lições de vida, fabulas em que o bem prevalece sobre o mal. Por meio das histórias, principalmente, os meninos se defrontam com situações fictícias e com isso adquirem vivência e referências para montar os seus próprios valores.

Criatividade- uma vez que a criatividade é diretamente proporcional à quantidade de referências que cada um possui, quanto mais viagens a imaginação fizer, tanto mais aumentara o arquivo referencial e, consequentemente a criatividade.

Senso crítico-as historias atuam como ferramentas de grande valia na construção desse senso crítico, porque por meio delas os alunos tomam conhecimento de situações alheias a sua realidade, uma vez que podem navegar em diferentes culturas classes sociais raças e costumes.

Imaginação- o exercício da imaginação traz grande proveito as crianças, porque atende a uma necessidade muito grande que elas tem de imaginar. As fantasias não são somente um passatempo; elas ajudam na formação da personalidade na medida em que possibilita fazer conjecturas, combinações, visualizações como tal coisa seria desta ou de outra forma.

Levando em consideração tudo que já foi falado sobre a importância das histórias, sabe-se que essa atividade além de despertar interesse sobre o assunto tratado pela história; também traz conhecimento que ajuda na construção da identidade das crianças. Todos esses elementos vem em auxilio no desenvolvimento da criança dentro e fora da escola, quando essa prática tem a mediação de um profissional da educação. Nessa fase podemos citar (Coelho,1995, p16)

Nesta fase, os pequenos solicitam várias vezes a mesma história e a escutam sempre com encanto e interesse. É a fase do “conte de novo”. “Conte outra vez”. Por que a mesma história? Da primeira vez tudo é novidade; nas seguintes já sabendo o que vai acontecer, a criança pode se identificar mais ainda, apreciando os detalhes. O prazer se renova.

O imaginário da criança vem à tona com o faz de conta, por esse motivo ela pede para contar histórias novamente, porque o que dá prazer traz satisfação e vontade de sentir novamente aquela sensação de deleite. Por isso, livros de histórias, poesias, entre outros materiais impressos, devem ter um lugar especial dentro das salas de referências, facilitando e incentivando o acesso das crianças à leitura, desde o bebê até as crianças da pré- escola; em se tratando da educação infantil.

Sabemos que valores são fundamentais na conduta humana e Vania Dohme (2000, p.22 e 23) nos apresenta alguns desses valores trabalhando com as crianças dentro das instituições educacionais nas atividades que envolvem as histórias. “Destacando alguns como a alegria, amor, cooperação, cortesia, justiça, responsabilidade, respeito, tolerância, igualdade, etc.” As histórias tem em sua essência a capacidade de fazer esse gancho e de dar razão aos comportamentos humanos Dohme complementa ainda sobre valores:

A criança é incapaz de raciocinar no abstrato. Assim, virtudes, maus hábitos, defeitos ou esforços louváveis que interferem no comportamento social do indivíduo gerando consequências na sua vida, não podem ser entendidos com essa clareza pelas crianças. Falta referencial capaz de associar uma questão de comportamento a um fato. Em última análise, as histórias ensinam a criança a crescer e a pensar. (2000, p24).

A leitura de histórias deve ser planejada e incorporada à rotina diária da sala de aula, possibilitando a escolha de histórias favoritas e a sugestão de outras. É importante também que as crianças visitem bibliotecas, teatros, exposições de arte, feira de livros e outras atividades educativas. Dentro da educação infantil a literatura é um eixo fundamental e como diz Abramovich (1997, p17):

É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outra ética, outra ótica.... É ficar sabendo história, geografia, filosofia, política, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula...Porque, se tiver, deixa de ser literatura, deixa de ser prazer e passa a ser Didática, que é outro departamento (não tão preocupado em abrir as portas da compreensão do mundo.)

A motivação pela leitura mesmo nas crianças ainda não alfabetizadas surge através das histórias e amostragens de livros; e toda essa condição é determinada também pela postura dos pais em relação aos, livros. Segundo o que Fanny constatou:



É ouvindo histórias podem-se sentir muitas emoções importantes como medo, alegria, tristeza, tranquilidade, insegurança, bem-estar, entre outras e viver tudo o que as narrativas proporcionam para quem as ouve com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez ou não brotar...pois é ouvir sentir e enxergar com os olhos do imaginário. (1997, p17)

É importante para a criança compartilhar dos momentos de leituras com seus pais, porque a família é nosso laço maior, o lugar do aconchego. Apesar de instituições de educação infantil terem locais de acolhimento e professores especializados, a família é nosso alicerce em via de regra.

Na criação e formação da identidade das crianças da educação infantil é preciso estimulação: à primeira estimulação vem da fala da mamãe com seu bebê, já na barriga e continuando depois do nascimento; com o restante da família nos primeiros tempos de vida. Quando chega a época da creche os profissionais que estão ligados nos eixos de cuidar e educar, vem criando dentro de planejamentos pedagógicos; literaturas que provoquem fantasias despertando o potencial imaginativo, através de uma proposta que enriqueça a formação de um leitor. Em se tratando do convívio das crianças com a literatura; Marta Morais da Costa afirma:

A convivência com poemas, narrativas ou textos dramáticos, além da ilustração ou das imagens visuais, que passaram a integrar necessariamente o livro de literatura infantil, faz com que a criança desenvolva habilidades de manuseio, de entendimento e de relação entre linguagens diversas. Muito mais do que isso. Ela forma as referências simbólicas, afetivas e de pensamento que irão permanecer na memória e influenciar comportamentos futuros. (2007, p27)

Dentro da educação infantil ouvir história é uma necessidade pois qualquer texto literário chega a elas através da mediação do adulto, quando se lê para as crianças estamos proporcionando para elas uma visão do mundo. Dependendo da forma que a leitura é passada traz para os pequenos aprendizados, pois como modelo o professor tem a capacidade de ser um espelho ensinando para as crianças um comportamento de leitor que elas podem incorporar em suas vidas.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, vol.3 coloca algumas orientações didáticas na área de linguagem oral para promover capacidades nas crianças da pré escola:

Familiarizarem-se com a escrita por meio do manuseio de livros, revistas e outros portadores de textos e da vivência de diversas situações na qual seu uso se faça necessário.

Escutar textos lidos apreciando a leitura feita pelo professor.

Reconto de histórias conhecidas com a aproximação às características de história original no que se refere à descrição de personagens, cenários e objetos, com ou sem a ajuda do professor  
 Valorizar a leitura como fonte de prazer.  
 Possibilitar regularmente às crianças o empréstimo de livros para levarem para casa. Bons textos podem ter o poder de provocar momentos de leitura em casa, junto com os familiares. (Brasília, 1998, p141 à 144)

O trabalho com literatura infantil exige também que o professor prepare seu aluno, desenvolvendo a leitura, através do costume de ouvir histórias e de observar nos livros, não só as gravuras, mas o livro como um todo.

Precisamos registrar também a posição de Cléo Busato em seu livro: a arte de contar histórias no século XXI, 2007, contra capa:

A narração oral no século XXI ganha uma nova dimensão ao ocupar o espaço telemático. Abordar a performance do contador de histórias na era digital implica uma mudança de foco, de entendimento e aceitação de outras perspectivas e paradigmas do aprendizado e da fruição dessa arte. Seja onde for que as histórias soem, seja através de qualquer voz, de qualquer suporte, seja qual for a formação do contador, elas chegam pra ficar. As histórias oriundas da tradição ou da contemporaneidade, sempre serão bem-vindas, como são bem vindos os contadores. Há espaço para todos: os que entendem as histórias como alimento para o espírito; os que veem nas histórias uma forma de distração; aqueles que narram cantando e aqueles que narram dançando; velhos e moços; letrados e iletrados. Os contos estão aí, à espera de uma voz para torna-los matéria viva, significante e transformadora.

Na perspectiva desse pensamento devemos acreditar que para a criança obter todos os benefícios advindos da boa leitura; não é suficiente apenas contar a história é preciso que haja uma motivação por parte dos profissionais da educação afim de passar essa atividade com a sensibilidade para alcançar o coração e o intelecto.

### **3.IMPORTANCIA DAS LEIS QUE VALORIZARAM A PESSOA DA RAÇA NEGRA NO BRASIL. BREVE HISTÓRICO.**

A literatura sempre foi um instrumento para difundir costume, hábitos e cultura de uma nação ou de um povo; sabemos também que por alguns séculos as pessoas negras vindas da África como escravos, trouxeram dentro de si suas memórias. Mesmo colocados em posição de inferioridade, seus costumes e sua cultura influenciaram o Brasil. É conhecido esse fato mas Nei Lopes nos esclarece esse ponto sobre a influência da cultura africana no povo brasileiro:

(...)o tráfico de escravos africanos para o Brasil ocorreu no séc.15 até meados do séc. 19, quando caiu na ilegalidade. Incluiu a chegada gradativa de homens e mulheres provenientes da costa ocidental da África, do atual Senegal até a Angola, e também da contra costa, principalmente no período do séc. 17, em que os angolanos estiveram sobre o domínio da Holanda. É desta impressionante sucessão de fatos, os quais envolvem questões internas europeias e africanas-além do produto da dominação dos primeiros sobre os segundos, que se constitui a africanidade brasileira. (2008.p49)

Os negros foram retirados de suas terras e roubaram deles seus costumes, suas tradições inclusive praticamente suas vidas. Nessas condições os negros também se revoltaram e a identidade afro-brasileira e a herança africana estão no centro dos grandes episódios nacionais do séc. XIX.

Constantemente mencionado como país de maior população afrodescendente fora do continente africano, o Brasil ainda é bastante carente de informações sobre a história desse lado importante de sua formação e, principalmente, sobre as lutas e realizações dos herdeiros das tradições culturais africanas, do passado até os tempos atuais. Com as formulações racistas do séc.19 ainda ecoando em seus ouvidos e mentes, boa parte dos afro-brasileiros ainda é acossada pelo incômodo mito da inferioridade africana diante da suposta superioridade europeia. Produto e resultado de todo um processo histórico que teve como agentes seus ancestrais do outro lado do Atlântico, o Brasil afrodescendente é também agente de sua própria história e de suas práticas culturais, desde a resistência à escravidão até a criação de instituições que, embora surgidas em contextos absolutamente desfavoráveis, subsistem até hoje, umas se fortalecendo cada vez mais, outras se desdobrando em novas e múltiplas facetas. (Lopes.2008, p38).

Mesmo depois da abolição da escravatura os negros continuaram sofrendo a exclusão em todos os setores da sociedade de maneira muito forte sendo que alguns preferiam continuar trabalhando como escravos em fazendas ou nas casas grandes com seus senhorios, mas o movimento negro por justiça e igualdade continuou aqui no Brasil. Como resultado dessas lutas surgiu a Lei Afonso Arinos em 1951, a primeira lei sancionada no Brasil contra o preconceito racial.

A lei 1390/1951, a chamada Lei Afonso Arinos, foi proposta por Afonso Arinos de Melo Franco (1905-1990) e aprovada em 3 de julho de 1951, proibindo a discriminação racial no Brasil, desde então foram várias tentativas de combater o racismo no Brasil, na maioria das vezes infrutíferas. A partir dos dispositivos dessa lei, ficou caracterizada como contravenção penal, ou seja, infração de menor potencial ofensivo, qualquer prática de preconceito de raça e cor da pele. A Lei Afonso Arinos foi a primeira lei brasileira a incriminar a discriminação e o preconceito racial no país. Em suma, a legislação traz o que seria aplicado por legislações posteriores, ou seja, a igualdade de tratamento e direitos iguais independentemente da cor da pele. Por exemplo, nenhum estabelecimento comercial pode deixar de atender um cliente ou maltratá-lo pelo preconceito de cor.(Brasil,1951).

Mesmo assim continuou muito constrangimento para a população negra dentro do mercado de trabalho e também em estabelecimentos educacionais, os afro descendentes tiveram um caminho muito doloroso. Assim depois de anos de muita mobilização foi sancionada com muitos anos de atraso no dia 9 de Janeiro de 2003, a Lei nº 10.639, modificada pela Lei nº 11.645/2008, uma medida de ação afirmativa que tornou obrigatório, nos currículos dos estabelecimentos de ensino, a inclusão do ensino de História da África e da Cultura Afro-Brasileira e indígena por alterar dois artigos da Lei nº9.394/1996 (Lei de diretrizes e Bases da Educação Nacional), que passou a vigorar com o acréscimo dos seguintes artigos:

Art. 26-A (. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.).

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras. (BRASIL, 2008)

Essa lei foi um grande passo para identificar a discriminação presente em nossos estabelecimentos de ensino e tratar com eficácia a identidade dos negros e afro descendentes; mas para que ela se efetive faz-se necessário, que os profissionais de educação se conscientizem de que o cotidiano escolar e as práticas pedagógicas devem prestigiar a positividade em relação à pessoa do negro; valorizando aquilo que o deixa diferente de outros grupos étnicos.

O professor Sergio Michaliszyn, graduado em Ciências Sociais e estudioso em diversidade fala sobre direitos:

O fato é que o mundo globalizado reforça fenômenos socioculturais de verdadeiro “apartheid”, que assumem diferentes formas e manifestações. No entanto, esta não é uma realidade que afeta igualmente a todos os grupos sociais, culturais, nem a todas as pessoas. São os considerados “diferentes”, aqueles que por suas características sociais e/ou étnicas, por não se adequarem a uma sociedade cada vez mais marcada pela competitividade e pela lógica do mercado e do consumo, os “perdedores”, os “descartáveis”, que vêm a cada dia negado o seu “direito a ter direitos”. (2007, p103).

Nessa ótica devemos entender a formação dos docentes também com um entendimento da importância de trabalhar com as relações étnico raciais para eliminar manifestações de preconceito, e criar uma identidade positiva em nossa criança negra ou afro descendente. Para resgatar a identidade dos negros e descendentes e também exigir a aplicação da lei é preciso que nós enquanto educadores; estejamos atentos em nossos estabelecimentos para garantir práticas pedagógicas que contemplem a educação das relações étnico raciais.

Caminhando nesta direção as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, propõe a criação de pedagogias de combate ao racismo e a discriminações elaboradas com o objetivo de:

[...] fortalecer, entre os negros, e despertar, entre os brancos, a consciência negra. Entre os negros, poderão oferecer conhecimentos e segurança para orgulharem se da sua origem africana; para os brancos, poderão permitir que identificassem às influências, a contribuição, a participação e a importância da história e da cultura dos negros no seu jeito de ser, viver, de se relacionar com as outras pessoas, notadamente as negras. (BRASIL, 2004, p. 16-17).

Sabemos que o objetivo principal da lei 10639/03 é resgatar para o povo negro e afro o conhecimento da história do Brasil e também da cultura africana; valorizando assim a identidade cultural brasileira e africana e outras como a indígena. Também não podemos deixar de colocar que foi de grande importância o movimento negro pressionando o governo federal para que implantasse a lei como uma reparação e reconhecimento dessa cultura.

Sobre discriminação e luta pela igualdade Nei Lopes diz o seguinte:

Vimos como foi extinta a escravidão no Brasil, sem nenhum projeto de benefício social para os emancipados. Assim, na nova ordem, eram raros os descendentes de africanos detentores de algum capital. E foi por falta desse dado fundamental, capital acumulado, que, no Brasil, os negros, em geral, não tiveram acesso às mesmas fontes de instrução e conhecimento, como as escolas, teatros, museus, bibliotecas etc., que a maioria dos filhos dos outros segmentos da população teve. O acesso a essas fontes, desde o lar até os primeiros bancos escolares, é fundamental na construção de redes de amizade e parcerias importantes para a vida adulta. É por falta disso que os afrodescendentes no Brasil ainda hoje raramente chegam aos

Núcleos de influência, poder e decisão. (2008, p123)

A discussão sobre a obrigatoriedade de colocar a Lei 10639/03 em prática, é alvo de muitos estudos, seminários e planejamentos, mas acredito que é preciso primeiramente colocar esse entendimento dentro dos estabelecimentos de ensino seguindo o que fala as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais

(...) cabe aos conselhos de Educação dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios aclimatar tais diretrizes, dentro do regime de colaboração e da autonomia de entes federativos, a seus respectivos sistemas, dando ênfase à importância de os planejamentos valorizarem, sem omitir outras regiões, a participação dos afrodescendentes, do período escravista aos nossos dias, Na sociedade, economia, política, cultura da região e da localidade; definindo medidas urgentes para formação de professores; incentivando o desenvolvimento de pesquisas (Brasil p.26)

Sabemos da importância de conhecer a civilização africana, da condição em que os negros chegavam no Brasil e também do quanto sua cultura, seus costumes e suas religiões influenciaram o povo do nosso país. Apesar dessa força de tudo que herdamos da África estar dentro da cultura nossa de cada dia, ainda é preciso muito comprometimento de nossos professores para a história se efetivar.

Dentro dos Referenciais Curriculares para Educação Infantil, vol.1 se prima pelo acolhimento das diferentes culturas, valores e crenças sobre educação de crianças:

A pluralidade cultural, isto é, a diversidade de etnias, crenças, costumes, valores etc. que caracterizam a população brasileira marca, também, as instituições de educação infantil. O trabalho com a diversidade e o convívio com a diferença possibilitam a ampliação de horizontes tanto para o professor quanto para criança. Isto porque permite a conscientização de que a realidade de cada um é apenas parte de um universo maior que oferece múltiplas escolhas.

Assumir um trabalho de acolhimento às diferentes expressões e manifestações das crianças e suas famílias significa valorizar e respeitar a diversidade, não implicando a adesão incondicional aos valores do outro.

As diferentes culturas não pode se limitar às comemorações festivas, à eventuais apresentações de danças típicas ou à experimentação de pratos regionais. Estas iniciativas são interessantes e desejáveis, mas não são suficientes para lidar com a diversidade de valores e crenças. (Brasília, 1998, p77)

Realmente nossos alunos tem percepção para saber o diferente, nesse caso, é importantíssimo trabalhar com a diversidade no cotidiano do nosso dia, (apesar de ser uma frase repetitiva... uma verdade), dentro de nossas práticas, gradativamente, para que a criança absorva como uma coisa normal e incorpore em sua personalidade.



#### 4.LITERATURA AFRO-BRASILEIRA.

Sobre literatura afro brasileira podemos dizer que o continente africano foi de grande importância na formação do Brasil e desde o séc. XVIII (...) “embora ainda se discuta a existência ou não de uma literatura afro-brasileira, a presença de grandes escritores brasileiros de origem africana é largamente atestada.” (Lopes, 2008.p.90). Utilizando o livro de Nei Lopes como referência sobre história e cultura da África o autor considera:

Até pouco tempo as pessoas custavam a crer que a África um dia tivesse erguido civilizações. Mas hoje se sabe que o continente africano foi o berço da raça humana e o palco de algumas das nossas primeiras expressões culturais. A partir de 1960, o saber sobre os egípcios resgatou-os de sua condição asiática trazendo à tona sua face africana. Face que já era conhecida pela Grécia que via as conquistas desse povo como uma dádiva do Nilo, rio que nasce no coração do continente. Desde os grandes descobrimentos, porém, a África foi sendo desestruturada até sua total destruição. E isto não por serem os africanos incapazes de construir civilizações, e sim por circunstâncias meramente históricas. (Lopes, 2008, p.09).

De acordo com a história podemos dizer que a literatura africana começou com a tradição oral. Existe uma frase do poeta Hampaté Bah, do Mali que diz – “cada velho que morre é uma biblioteca que queima”. O idoso na cultura africana é considerado um guardião e o transmissor da tradição dos antepassados, essa cultura é seguida porque para o povo africano, guardar a tradição é um sinal de vida, para eles o passado é que dá sentido ao presente.

Para a nossa cultura estar velho é perder a juventude, é perder as habilidades e destrezas, sendo que algumas pessoas idosas sentem até o sentimento da inutilidade. Segundo o missionário Toninho Nunes, autor do artigo “o idoso na cultura africana”

O chefe de uma comunidade ou aldeia é sempre um ancião, escolhido da linhagem familiar do antigo chefe como na monarquia; ele tem a missão de salvaguardar a tradição dos antepassados, julgarem os litígios e as desavenças entre os membros da comunidade.(2003)

A tradição da sociedade na África pelo saber oral é devido à falta de letramento, mas também por uma consciência muito clara de religiosidade e concepção de vida. Em se tratando do povo africano qualquer encontro ou reunião era para transmissão de cultura, contação de lendas e histórias; todas essas ações eram comandadas pelos idosos que como autoridades incontestáveis tinham todo esse poder, apesar de na sociedade moderna essa tradição estar abalada.



Na sociedade africana o dom da palavra é sagrado sendo que a transmissão do conhecimento é feito em sua maioria pelo que se sabe, pela tradição oral; conhecido como contadores de histórias os “Griot”, pessoas que tem como ofício a contação de histórias e que tinham a possibilidade de fantasiar as histórias para encantar as pessoas. Na maioria das aldeias eles narravam todos os acontecimentos do cotidiano e todos os demais acontecidos. As práticas promotoras de igualdade racial sobre esse tipo de literatura explica que:

A oralidade foi durante séculos a única forma de transmissão de cultura e conhecimentos. Por isso, os povos africanos desenvolveram formas importantes de contar histórias e mitos chamados de griot considerados bibliotecas vivas da cultura africana. Com o advento da escrita, para a qual várias comunidades da África deram a sua contribuição, como os egípcios, toda uma literatura se desenvolveu nos diversos países que compõem o continente, assim como em outras partes do mundo. No entanto, o gosto pelas narrações de histórias permanece uma importante herança africana que o povo brasileiro incorporou. (BRASIL,2012, p.37).)

O desenvolvimento da literatura afro segundo as pesquisas e estudos sobre o assunto, identifica que as primeiras histórias com personagens negros traziam a carga de tormentos e inferioridade em consequência da escravidão, mesmo depois da abolição. Não podemos deixar de citar também os Cadernos Negros, uma literatura produzida por escritores afrodescendentes, trazendo sempre em seus cadernos a luta social da raça negra. Esses cadernos são editados até hoje; Lopes afirma que “a grande marca da literatura criada pelos escritores afro-brasileiros no séc.20 é o posicionamento contestador diante do racismo” (2008, p 91”).

Na proposta inicial dos Cadernos Negros é defendido o uso da expressão literatura negra para nomear uma expressão literária que se fortalecia com as lutas por liberdade no continente africano, na década de 70. O processo de independência que propiciou, nessa década, o nascimento das nações africanas de língua portuguesa, foi a motivação maior do surgimento dos Cadernos Negros, que procurava trabalhar a relação entre literatura e as motivações sócio-políticas. Os primeiros textos da coletânea buscavam, como afirma Miriam Alves (2002), desconstruir uma tradição literária que exclui a produção literária marcadamente política. Os Cadernos Negros, na contramão da literatura legitimada, assumiam a rebeldia de segmentos da população negra em sua luta contra a chamada democracia racial. (Souza,2006,P11).

Ao falarmos de literatura afro temos que nos reportar aos escritores, que em suas obras transmitiam o que a sociedade negra sentia e vivia.

É inegável a contribuição de muitos autores negros na luta e combate contra o racismo levando muitos a encarar seu posicionamento contra o mito da democracia

racial que nada mais é que uma chama encrostada que amola nossa sociedade, afim de destruir valores concretizados colocando no seu lugar valores idealizados.

(...) os personagens negros só aparecem a partir do final da década de 20 e início da década de 30, no século XX. É preciso lembrar que o contexto histórico em que as primeiras histórias com personagens negros foram publicadas, era de uma sociedade recém saída de um longo período de escravidão. As histórias dessa época buscavam evidenciar a condição subalterna do negro. Não existiam histórias, nesse período, nas quais os povos negros, seus conhecimentos, sua cultura, enfim, sua história, fossem retratados de modo positivo. (Jovino, 2006, p187).

Neste interim os tabus são todos velados, pouco a pouco foram sendo descobertos visto que a sociedade passou a ganhar vida e a população negra exigia essa postura dos escritores por esse motivo as temáticas racismo, preconceito e discriminação passa a ser vinculados nos livros de literatura. Esse protesto se fez presente na coletânea dos cadernos negros publicados a partir de 1978 porque a questão negra aflora.

Há também os livros que retomam traços e símbolos da cultura afro-brasileira, tais como as religiões de matrizes africanas, a capoeira, a dança e os mecanismos de resistência diante das discriminações, objetivando um estímulo positivo e uma autoestima favorável ao leitor negro e uma possibilidade de representação que permite ao leitor não negro tomar contato com outra face da cultura afro-brasileira que ainda é pouco explorada na escola, nos meios de comunicação, assim como na sociedade em geral. Trata-se de obras que não se prendem ao passado histórico da escravização. (Jovino 2006: 216)

No livro *Nem preto Nem branco* de Carl ele coloca alguns autores afros ou simpatizantes da causa abolicionista com algumas particularidades como:

Joaquim Maria Machado de Assis, sem dúvida o maior escritor do Brasil era mulato. Seus romances ainda são editados pois seu estilo seco, seu humor sarcástico e a tendência à análise psicológica tornam sua obra muito atraente para os leitores modernos, embora tenha sido escrita na segunda metade do século XIX. Outro literato brasileiro do século XIX, Tobias Barreto, também era mulato. José do Patrocínio, filho de um padre com uma feirante negra, tornou-se não apenas o melhor articulista e o abolicionista mais conhecido em fins do século XIX, como também era um escritor de certa fama. O abolicionista brasileiro Anselmo Fonseca escreveu um longo livro criticando o clero católico brasileiro por sua falta de interesse pela causa da Abolição. com sua felina ironia observou Fonseca que em 1871, quando os estadistas antiescravistas lutavam pela lei do ventre livre para as mães escravas, a Igreja silenciava. (Degler, 1976, p.29,30,48).

Os livros atingem leitores ainda hoje apesar da evolução cultural e histórica, apesar das leis para redimir os erros do passado; carregados de sentido e trazendo escritores geniais como: Luiz Gama que tem uma obra que evidencia toda a

realidade da figura do negro em suas obras, Maria Firmina dos Reis que como mulher negra escreveu o romance “Úrsula” o primeiro livro abolicionista. Outros nomes de escritores do fim do século XIX e início do século XX: Oliná Barreto, Lino Guedes, Cruz de Souza.

Sobre os livros infantis com personagens negros, também podemos colocar alguns escritores: Ana Maria Machado autora da Menina bonita do Laço de Fita, Reginaldo Prandi com os Contos e Lendas Afro-Brasileiras, Marie Sellier com seu livro África meu Pequeno Chaka, Ieda Oliveira com o Brasileirinho, Rogério A. Barbosa com várias obras, e também os autores usados em nossa oficina de contação de histórias. (Nessa busca tivemos a felicidade de encontrar muitos autores infantis trabalhando com crianças negras).

## 5.VIVENCIANDO A LITERATURA AFRO EM SALA DE AULA.

A pluralidade cultural e as condições socioeconômicas das crianças que frequentam os CMEIS (Centros Municipais de Educação Infantil) exigem uma prática pedagógica que possa ajudar na construção da identidade étnico-racial que se dá na interação com o outro.

Á partir da identidade negra o cabelo é uma parte do corpo que chega primeiro, principalmente aqueles nossos cabelos muito enrolados ou pixains, como são chamados os cabelos de negros e de afro descendentes, fazem com que na maioria das vezes as crianças sintam-se inferiorizadas. Como é essencial a aceitação da nossa identidade e deixar de acreditar nas coisas ruins que falam a respeito de cabelos crespos, propôs-se uma oficina de contação de histórias a qual abordará a literatura afro-brasileira.

Ao destacar o cabelo crespo e o corpo do negro esta etnografia coloca-nos diante de um campo mais vasto e mais profundo, a saber, a construção da estética corporal. Esta também apresenta uma dimensão simbólica que trafega em vários contextos. O corpo humano é o primeiro motivo de estética, de beleza, possuidor de um elemento maleável que, tal como a madeira e o barro, possibilita diferentes recortes, detalhes e modelagens: o cabelo. Por isso corpo e cabelo, no plano da cultura, puderam ser transformados em emblemas étnicos. (Gomes 2012 p 9)

Para vivenciar essa realidade de livros com personagens negros, nessa oficina de história foi feita com a leitura de vários livros afim de valorizar a figura do negro; visto que o racismo coloca o negro em posição de inferioridade e precisa ser combatido naturalmente em nosso cotidiano.

Considerando esse pensamento colocamos uma citação das Práticas Promotoras de Igualdade Racial para a Educação Infantil.

Segundo pesquisas, a discriminação e a formação do pensamento racial começam muito cedo, ao contrário do que pensa o senso comum. As crianças percebem as diferenças físicas, principalmente a cor da pele e o tipo de cabelo.

Se as crianças negras receberem mensagens positivas dos adultos e de seus pares acerca dos atributos físicos e demais potencialidades, aprenderão a se sentir bem consigo. De outro lado, se as crianças brancas aprendem que seus atributos físicos e culturais não são os melhores nem os únicos a ser valorizados, os dois grupos aprenderão a considerar as diferenças como parte da convivência saudável... (Brasil, 2012.p29).

Na primeira etapa desse projeto de histórias apresentou-se para as crianças o livro “O mundo no Black Power de Tayó”, escrito por uma escritora negra chamada Kiusam de Oliveira, militante do movimento negro; neste livro ela conta “a história de

uma menina de seis anos que era muito linda, seu rosto maravilhoso seus olhos eram negros e pareciam estrelas brilhantes, seu nariz parecia uma pepita de ouro, e seus lábios grossos se moviam para dizer palavras de amor. Sobre a cabeça a parte do corpo que ela mais gostava ostentava seu enorme cabelo crespo, sempre com um penteado chamado Black Power. Seu penteado faz o maior sucesso porque Tayó costuma escolher os enfeites mais bonitos, sua mamãe coloca flores, borboletinhas, fitas, tranças com fios de lã e o Black Power de Tayó é enorme.

Ela é uma menina muito bem humorada e quando algum colega de escola diz que seu cabelo é ruim ela logo responde meu cabelo é fofo, lindo e cheiroso. Você tem é ciúme dos meus cabelos, mas as vezes, ela fica um pouco triste com a falta de gentileza de seus colegas e pensa que seu cabelo veio dos africanos que vieram a força para o Brasil. Mas conhecendo as histórias da África ela sabe que veio de um povo lindo e que ela é uma princesa”.

Essa história repetiu-se várias vezes porque as crianças ficaram encantadas por Tayó, explicando porque o nome Black Power, que significava a força negra. Foram feitos cartazes com cabelos Black, desenhos lindos e um painel com fotos das famílias com cabelos parecidos com Tayó.

Na página 41 desde livro Oswaldo Faustino faz um comentário que vou transcrever aqui pois achei muito verdadeiro:

Ser Bela e Ser Feliz

Não é por acaso que os cabelos Black Power têm o formato circular do universo. A circularidade é a base fundamental das culturas de matriz africana. Deixar os cabelos crescerem livres, soltos, redondos, harmônicos em todos os sentidos, foi a forma encontrada, na distante década de 1960, pela juventude afro-americana, e depois por homens e mulheres afros do mundo todo, de marcar sua identidade e o orgulho de sua origem africana. Mesmo tão pequenina, sem esses conhecimentos históricos, Tayó sente isso- sentir é muito mais profundo do que saber. E sente porque se espelha nos cabelos da mãe, para quem “ser bela” é sinônimo de se reconhecer e de ser feliz.

Sentir a necessidade de buscar outros padrões de beleza pode estar associado a uma insatisfação causada pelo desconhecimento de referências positivas em nossa própria origem (Oliveira,2014, p41).

Esse livro foi adquirido em seu lançamento aqui em Curitiba, quando Kiussan contou a história e foi um momento de encantamento e de amor à primeira vista por Tayó. Essa escritora e professora é uma pessoa comprometida em difundir as temáticas que trazem a africanidade brasileira e também empenhada em combater o preconceito apresentando em seus livros infantis, maneiras de positivar a figura do negro.

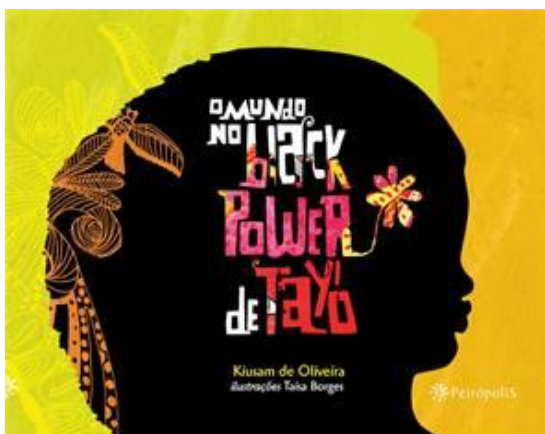


Figura 1 – capa do livro O mundo no Black Power de Tayó.

A escritora Kiusam de Oliveira explica também na p.42 de seu livro sobre o movimento Black Power:

Black Power (em português: poder negro) é um movimento surgido entre pessoas negras no fim da década de 1960, especialmente nos Estados Unidos, e que propõe orgulho racial e autonomia para os negros. O cabelo, como símbolo da negritude, ganhou força no padrão de penteado crespo, alto e arredondado, passando a se chamar Black Power, mesmo nome do movimento. Tanto homens como mulheres usam esse penteado, e o que era questão política hoje se tornou moda e sinônimo de atitude, sem perder sua característica básica de protesto e afirmação. (Oliveira,2014, p 42).

Pensando que a criança aprende pela troca de experiências e na interação com os seus pares, é fácil entender que o ensino da literatura com personagens negros traz para a sala de aula uma fonte de conhecimentos e também de conflitos que despertam nas crianças muitas curiosidades, desta forma ela pode levantar hipóteses, fazer questionamentos sobre o mundo que a cerca, bem como observar principalmente em sala de aula a diferença física existente entre seus colegas.

Usando comentário feito nas Práticas Promotoras de Igualdade Racial, sobre a relação que as crianças podem estabelecer com seu corpo: “A identidade tem mil faces, mas há duas características que contribuem de forma decisiva para sua formação: a relação que estabelecemos com nosso corpo e a relação que estabelecemos com o grupo ao qual pertencemos”.

Como construir uma história de respeito e valorização de todos os tipos físicos após tantos anos de discriminação racial? Uma das possibilidades é repensar as práticas pedagógicas na educação infantil, rever espaços, os materiais, as imagens, as interações, a gestão, e incluir como perspectiva a igualdade racial que certamente produzirá um movimento em que muitas ações e atitudes serão reformuladas, ressignificadas e outras abandonadas. (Brasil,2012, p9)

Continuando nossas experiências com os livros de literatura com personagens negros foi trabalhado o livro *O Cabelo de Lelê* da escritora e jornalista Valéria Belém, que além de enfatizar os cabelos afros também fala da herança africana.

“Lelê não gosta do que vê”. – De onde vêm tantos cachinhos? Ela vive a perguntar. E essa resposta ela encontra num livro, em que descobre sua história e a beleza da herança africana”.

Á respeito de um dos símbolos da identidade negra que são os cabelos, ainda hoje muito marcados por sua condição de ruins, espalhafatosos e de difícil trato; Nilma Lino Gomes, professora pedagoga, defende em seu artigo- *Corpo e Cabelo como Símbolos da Identidade Negra*:

O cabelo do negro na sociedade brasileira expressa o conflito racial vivido por negros e brancos em nosso país. É um conflito coletivo do qual todos participamos. Considerando a construção histórica do racismo brasileiro, no caso dos negros o que difere é que a esse segmento étnico/racial foi relegado estar no polo daquele que sofre o processo de dominação política, econômica e cultural e ao branco estar no polo dominante. Essa separação rígida não é aceita passivamente pelos negros. Por isso, práticas políticas são construídas, práticas culturais são reinventadas. O cabelo do negro, visto como “ruim”, é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como “ruim” e do branco como “bom” expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. (Gomes 2002p.3)

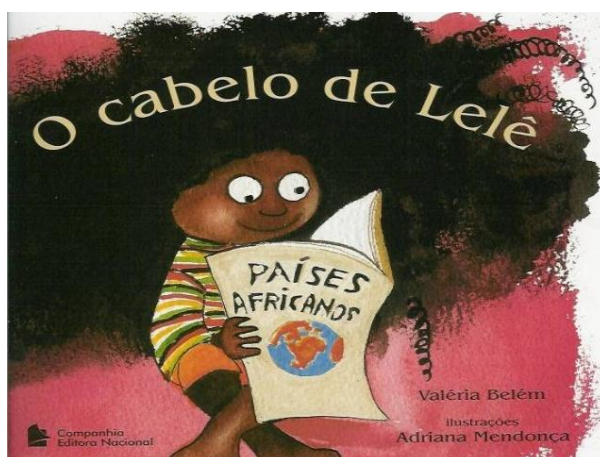


Figura-2 capa do livro *O Cabelo de Lelê*.

O livro *As tranças de Bintou*, escrito por Sylviane A. Diouf que criou essa história contando a angústia do crescimento de uma menina africana, que sonha em ter tranças como todas as mulheres mas como ainda é criança tem que se contentar com os biotes.

“Meu nome é Bintou, e meu sonho é ter tranças.

Meu cabelo é curto e crespo.

Meu cabelo é bobo e sem graça...”



Figura 3- os biotes de Binton

A experiência realizada com esse livro foi retirada das Práticas Promotoras da Igualdade Racial.

Quando leram o livro *As tranças de Bintou*, ficaram encantados com a história e com as ilustrações. A personagem principal é uma linda menina negra, com a qual tinha certeza – as meninas certamente se identificariam. Essa era nossa preocupação como professoras, escolher livros em que as personagens negras tivessem uma representação bela, condizente com a realidade e com os aspectos culturais desse grupo, apresentando-os de forma a valorizá-los. No caso de Bintou, a padronagem de sua roupa, bonita e bem retratada, assim como os enfeites do cabelo, cumpriam todos esses critérios. Além disso, os aspectos culturais que surgem na história como o batizado do irmão, o modo como as mulheres se arrumam os rituais...fazem o leitor pensar: que interessante essa cultura, como é diferente da minha ou como esse livro fez conhecer uma parte da cultura africana. A história também traz algo universal, que reforça nossos vínculos com a literatura, quando a história nomeia aquilo que sentimos e não sabemos bem o que é.

A literatura infantil é fundamental no trabalho com crianças pequenas, porque oportuniza a vivência de vários conteúdos, culturas e conhecimento. É sabido que na escola as crianças afrodescendentes e negras sofrem preconceito por terem os cabelos e a cor da pele diferentes; na educação infantil as crianças ainda são ingênuas nesse sentido e por esse motivo é importante fazer esse trabalho usando



histórias com personagens negros para positivar a figura do negro, seus cabelos e sua cor da pele. Porque é no cotidiano, na naturalidade da vivência do dia a dia que as crianças aprendem o respeito com os diferentes e a viver em harmonia.

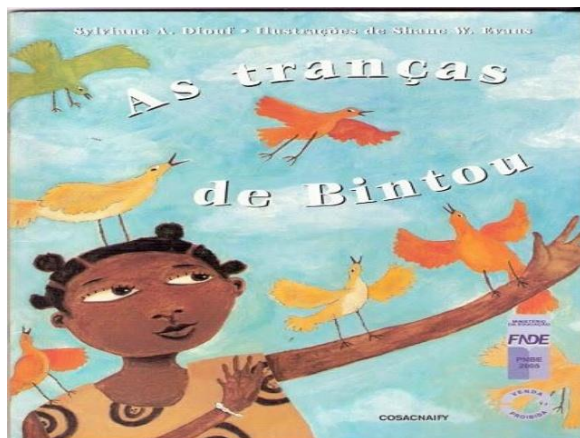


Figura 4-Capa do livro As Tranças de Binton

Quando falamos sobre corpo e cabelo, inevitavelmente, nos aproximamos da discussão sobre identidade negra. Essa identidade é vista, no contexto desta pesquisa, como um processo que não se dá apenas a começar do olhar de dentro, do próprio negro sobre si mesmo e seu corpo, mas também na relação com o olhar do outro, do que está fora. É essa relação tensa, conflituosa e complexa que este artigo privilegia, vendo-a a partir da mediação realizada pelo corpo e pela expressão da estética negra. Nessa mediação, um ícone identitário se sobressai: o cabelo crespo. O cabelo e o corpo são pensados pela cultura. Nesse sentido, o cabelo crespo e o corpo negro podem ser considerados expressões e suportes simbólicos da identidade negra no Brasil. Juntos, eles possibilitam a construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra. Por isso não podem ser considerados simplesmente como dados biológicos. (Gomes2012.P.3).

A história Bruna e a galinha d'angola, escrita por Gercilda de Almeida, pedagoga e professora de literatura trouxe para as crianças uma outra criança: “a Bruna que era uma menina que se sentia muito sozinha. Quando estava muito triste ia para casa de sua avó Nanã, que chegara de um país distante, e pedia-lhe para contar histórias de sua terra natal. Uma que ela gostava muito era a do pano da galinha que sua avó trouxera da África. Ela sempre começava assim: “conta a lenda de minha aldeia africana que Òsún era uma menina que se sentia só. Para lhe fazer

companhia resolveu criar o que ela chamava de “o seu povo”. Foi assim que surgiu Coquem, ou melhor a galinha d’angola”.



Figura -5 Capa do livro Bruna e a Galinha D’Angola.

Na contra capa desse livro Antônio Olinto membro da academia de letras escreve:

Árvores, flores, frutas, bichos - todos têm sido símbolos desde que o mundo é mundo. Seja a macieira com sua maçã inicial, seja a galinha d’angola espalhando terra para dar firmeza ao chão-todos têm representado a reverência de tempos, antigos e modernos, aos primeiros passos da raça humana.

Os negros que foram trazidos da África contra sua vontade, há muitos anos, e aqui participaram como brasileiros, intimamente, do esforço de fazer do Brasil uma nação, trouxeram com eles suas tradições que se tornaram tradições do Brasil como um todo.

Louve-se Gercilda de Almeida por haver escolhido a bela imagem-símbolo da galinha d’angola para com ela contar, a crianças e adultos, a história de como a terra ficou segura -e de como Bruna e suas amiguinhas da grande aldeia chamada Terras se afeiçoaram a Conquém, na beleza de sua pele escura pintada de pequenas bolas brancas.

Podemos enriquecer a base de experiências de crianças, variando o material que lhe é oferecido; nessa oficina de contação foi trabalhado histórias que as crianças ainda não conheciam, foram momentos de descoberta até para nós; com o interesse demonstrado, algumas até se reconheceram nos personagens.

É compromisso de todos fazer da educação infantil um espaço qualificado, acolhedor, igualitário, no qual crianças negras e brancas sejam valorizadas e respeitadas para que cumpramos a função primordial da Educação Infantil, que é promover o pleno desenvolvimento de todas as crianças”.  
Mãos à obra para implantar e implementar uma educação para a igualdade racial. (Brasil,2012, p.44)

Para os profissionais de educação infantil é importante questionar, discutir, analisar e mostrar o quanto é importante estar presente na sociedade, fazendo parte da educação das relações étnico racial.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o contexto histórico da literatura, faz-se necessário ressaltar que a literatura infantil necessita ser percebida como um território a ser trabalhado diariamente, pois é através dela que podemos pensar e legitimar o conhecimento que pretendemos, tendo como parâmetro a visão de mundo, de sociedade e de educação que acreditamos. Todas as crianças tem que ter oportunidade de ter esse contato para seu pleno desenvolvimento, em se tratando também das relações étnico-raciais podemos citar um parágrafo das Práticas Promotoras da Igualdade Racial que diz:

O acesso aos bens culturais é direito de todas as crianças. A linguagem, que se expressa em dois domínios, o oral e o escrito, é uma das mais importantes heranças culturais, responsável por mudanças no modo como as sociedades se organizaram, com reflexos na constituição da identidade humana. (BRASIL,2012, P.37).

A literatura infantil através das contações de histórias contribuí para o encontro de culturas, constituindo forma de estimular a criança a ter boas leituras.

O professor Michaliszyn considera que o processo educativo compreende o oferecimento de instrumentos e de alternativas ou seja: “A pluralidade cultural e as condições socioeconômicas de crianças justificam a necessidade de disciplinas que sustentem a prática pedagógica em espaços escolares e não escolares, aos povos indígenas e aos remanescentes de quilombos”. (2007, p,90).

Isso significa propiciar aos alunos conhecimento e experiências diversificadas, integrando na prática pedagógica a variedade de culturas que perpassa a escola como as histórias contemplando as etnias para melhorar a autoestima das crianças negras. A construção de identidade étnico-racial se dá na interação com o outro, seja na escola, na família, em qualquer espaço social, importando como as práticas pedagógicas são efetuadas no ambiente escolar porque nas interações são evidentes esses conflitos. Novamente estamos nos embasando nas Práticas para Promover a Igualdade Racial.

Transformar práticas educativas que não incorporam da mesma forma todas as crianças e suas famílias é tarefa exigente e que necessita de uma equipe decidida. Os gestores da unidade educativa têm papel-chave neste processo quando possibilitam a vivência democrática, pluralista e, ao mesmo tempo, profissional; quando organizam as ações, planejam, avaliam constantemente o processo e o reorganizam sempre que necessário. Os profissionais de educação infantil constituem um corpo vivo e dinâmico, responsável pela construção do projeto educacional, conhecido como

projeto pedagógico. Nele, os conhecimentos relativos ao tema racial devem ser contemplados. (BRASIL, 2012.p15).

Sobre identidade, afro-brasileira e construção de uma auto imagem positiva nós os professores de educação infantil somos mediadores para mostrar as crianças uma visão do mundo através de leituras valorizando o que leu porque isso envolve aprendizados; lendo sobre cultura africana significa perpetuar a cultura pela transmissão de valores, mostrando para as crianças como é a vida dos nossos ancestrais, seus costumes seus valores e sua figura como pessoa, seus cabelos e a cor da pele.

As instituições organizadas com base em aspectos das culturas africanas e do povo negro no Brasil também fornecem um conjunto de conhecimentos imprescindíveis ao trabalho educativo. Museus físicos ou virtuais, espaços culturais, bibliotecas, escolas de samba, grupos de dança, capoeira podem ser contratados para enriquecer o dia a dia das instituições educativas. (BRASIL,2012, p18).

Falando agora em aplicação das relações étnico-raciais na escola afirmamos que além do que nos indica as Diretrizes Curriculares para a Educação das Relações Étnico-Raciais precisamos mesmo é de conscientização profissional:

Para obter êxito, a escola e seus professores não podem improvisar. Têm que desfazer mentalidade racista e discriminadora secular, superando o etnocentrismo europeu, reestruturando relações étnico-raciais e sociais, desalienando processos pedagógicos. Isto não pode ficar reduzido a palavras e a raciocínios desvinculados da experiência de ser inferiorizados vivida pelos negros, tampouco das baixas classificações que lhe são atribuídas nas escalas de desigualdades sociais, econômicas, educativas e políticas.

Temos pois, pedagogias de combate ao racismo e a discriminação por criar. Mas assim sendo, a educação das relações étnico-raciais impõe aprendizagens entre brancos e negros, trocas de conhecimentos, quebra de desconfianças, projeto conjunto para a construção de uma sociedade justa, igual, equânime. (Brasília,2005, p,15).

É importante esclarecer que o preconceito é uma realidade no Brasil em nossas salas de aula em nosso cotidiano os conflitos aparecem; a nossa problemática foi identificar a literatura infantil; trazendo o negro de forma positiva.

Efetivamos algumas ações nesse sentido mas para suprir a necessidade de ao menos colocar em prática a lei 10639/03 é preciso de capacitação dos professores de forma eficaz, também de materiais pedagógicos afros na proporção igualitária para que a escola possa atuar no desenvolvimento de todos seus alunos.

Pensamos também que nosso trabalho realizado na oficina de contação supriu nossas expectativas, pois possibilitou a reflexão mas deixou a certeza de que

poderíamos fazer muito mais pois é um tema presente em nossas vidas e que requer cada vez mais conhecimento, pesquisa e trabalho.

Nós como educadores precisamos nos sensibilizar em favor de colocar em prática essa lei acerca das relações raciais e da diversidade racial, procurando por material e recursos para combater o racismo, abordando as crianças negras de forma positiva e pesquisando mesmo por conta própria livros e demais materiais sobre a importância das civilizações africanas, que auxiliem na prática pedagógica, que possa minimizar de alguma forma o racismo e auxiliar no desenvolvimento saudável de nossos alunos negros e afro descendentes.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fany. **Literatura Infantil Gostosuras e Bobices**. São Paulo: Editora Scipione, 1997.
- ALMEIDA, Gercilda. **Bruna e a Galinha D'Angola** ed.Pallas.2003.
- BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. 2004.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Educação Infantil e Práticas Promotoras de Igualdade Racial**. 2012.
- BRASILIA, **Lei Afonso Arinos**. 1951.Disponível em: <http://www.pco.org.br/negros/lei-afonso-arinos-uma-das-primeiras-sobre-racismo-completa-60-anos/eoes,b.html> acessada em 01/08/2015.
- BRASIL (2004) **Lei 10639**, 09 de janeiro de 2003. Brasília. DF, 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm) acessada em 23/05/2015.
- BRASILIA. Ministério da Educação e do Desporto. Secretária de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. 1978
- BUSATTO, Cléo. **A Arte de Contar Histórias no Século XXI**. Ed. Vozes.2007.
- COELHO, Betty. Contar Histórias. **Uma Arte Sem Idade** Ed. Ática.1995.
- COSTA, Marta Moraes. **Metodologia do Ensino da Literatura Infantil**. Curitiba, Editora IBPEX.2007.
- CURITIBA, Secretária Municipal de Referenciais para estudo e planejamento na Educação Infantil. - **Leitura e Contação**. Orientações básicas para CMEI.2010.
- DEGLER, Carl N. **Nem Preto Nem Branco**. Editorial labor do Brasil, Rio de Janeiro.1976.
- DOHME, Vania, **Técnicas de contar histórias: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história**. 3. Ed. São Paulo: Informal, 2000.
- GOMES, Nilma Lino. **Corpo e Cabelo como Símbolos da Identidade Negra**.2012. Disponível em:<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/Corpo-e-cabelo-como-s%C3%ADmbolos-da-identidade-negra.pdf> acessado em 17/05/2015.

- JOVINO, Ione da Silva. **Literatura infanto-juvenil com personagens negros no Brasil**. In. SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré (Org.). Literatura Afro-Brasileira. Centro de Estudos Afro- Orientais, Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- OLIVEIRA, Kiusam de. **O Mundo no Black Power de Tayó**. Ed Maza.2014.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: Histórias e histórias**. São Paulo, Editora Ática, 2007/1985.
- LAJOLO, Marisa. **Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo**. 6ª ed. 13ª impressão. São Paulo: Editora Ática.2008
- LOPES, NEL. **História e Cultura Africana e Afro-Brasileira**. Ed.Barsa Planeta.2008.
- MICHALISZYN, Mário Sergio. **Educação e Diversidade**.Ed.IBPEX,2007.
- NUNES, Toninho **O idoso na cultura africana**. Disponível em <http://www.pime.org.br/missaojovem/mjevangincultioso>.2003.acessado em 21/06/2015.
- SILVIANE, Anna Diouf. **As Tranças de Binton**. Ed.Cosac Naif. 2004.
- VALERIA, Belém. **O Cabelo de Lelê**.IBEP.2007.

